SBH
Hp 112 P

Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1989— número 121

SUPLEMENTO DE LIVROS

JORNAL DO BRASIL

Idéias

Ariovaldo Santos



Sérgio Buarque de Holanda no início dos anos 30 (E) e em 1975 autografando Velhas fazendas do Vale do Paraíba

O jovem Sérgio

■ *Reunidos em livro os artigos que Sérgio Buarque de Holanda, correspondente na Europa, remeteu da Alemanha em meio à crise da República de Weimar, um momento decisivo na formação do futuro historiador.*

(Páginas 6 a 9)



Literatura e alcoolismo

Dos sete escritores americanos que foram distinguidos com o Prêmio Nobel de Literatura, quatro eram alcoólatras. Este foi um dos dados da crônica literária que levaram o Dr. Donald W. Goodwin, professor de psiquiatria da Universidade Estadual do Kansas (EUA), a investigar o assunto e apresentar as suas conclusões no livro **Álcool e literatura**, cuja tradução brasileira sairá ainda neste semestre pela Editora Espaço & Tempo, do Rio.

Goodwin, que antes havia estudado a possível relação entre hereditariedade e alcoolismo na tese **Is alcoholism hereditary?**, concentra o foco de sua nova pesquisa na biografia de alguns grandes autores ocidentais, um do século passado — Edgar Allan Poe — e os restantes deste século: o belga Georges Simenon, o inglês Malcolm Lowry e os americanos — detentores do Nobel — Ernest Hemingway, Eugene O'Neill, John Steinbeck e William Faulkner.

Crime sem solução

*Impossível "não admirar a coerência e a tenacidade com que Cordelli pôs em ação o projeto narrativo" de **Pinkerton**, afirma Alberto Moravia no prefácio que escreveu especialmente para a edição brasileira desse perturbador romance italiano que a Rocco publicará em março próximo. O que Franco Cordelli narra nesse livro, que chamou a atenção da crítica em seu país, é a história do rapto de um ator italiano que se encontra em Berlim para atuar em uma comédia de Adamov. O rapto é investigado pela polícia, mas o mistério não chega a ser decifrado; também não se saberá porque a vítima, a acreditar nas suas cartas, vive numa prisão dourada. Outro lançamento da Rocco anunciado para breve: **Ano de cão**, de Günter Grass, autor alemão que há alguns anos freqüentou as listas de **best sellers** com **O tambor**.*

Dúvidas da ciência

A revista **Humanidades**, publicada pela Universidade de Brasília, inaugura em seu número 19 uma nova seção: **Dúvidas da ciência**. O espaço (seis páginas para começar) é destinado a acolher artigos de cientistas sobre as suas próprias dúvidas e perplexidades em relação ao conhecimento do mundo físico. Os textos, em torno de 200 linhas, devem ser claros, explicativos, compreensíveis ao público da revista, heterogêneo e multidisciplinar. Tanto quanto esclarecer, **Humanidades** está preocupada em desfazer perante os seus leitores a imagem do cientista dogmático, auto-suficiente, convencido de que a ciência só comporta certezas. Os que tiverem dúvidas e a indispensável modéstia para subscrevê-las, podem mandar seus originais para a caixa postal 153001, em Brasília, Cep 70.919. Maiores informações pelo telefone (061) 274.0022 ramal 2101.

Idéias ☐ **Editor:** José Castello
Editor assistente: Mario Pontes
Diagramador: Paulo César Rodrigues.

EM BUSCA DE CIDADES PERDIDAS



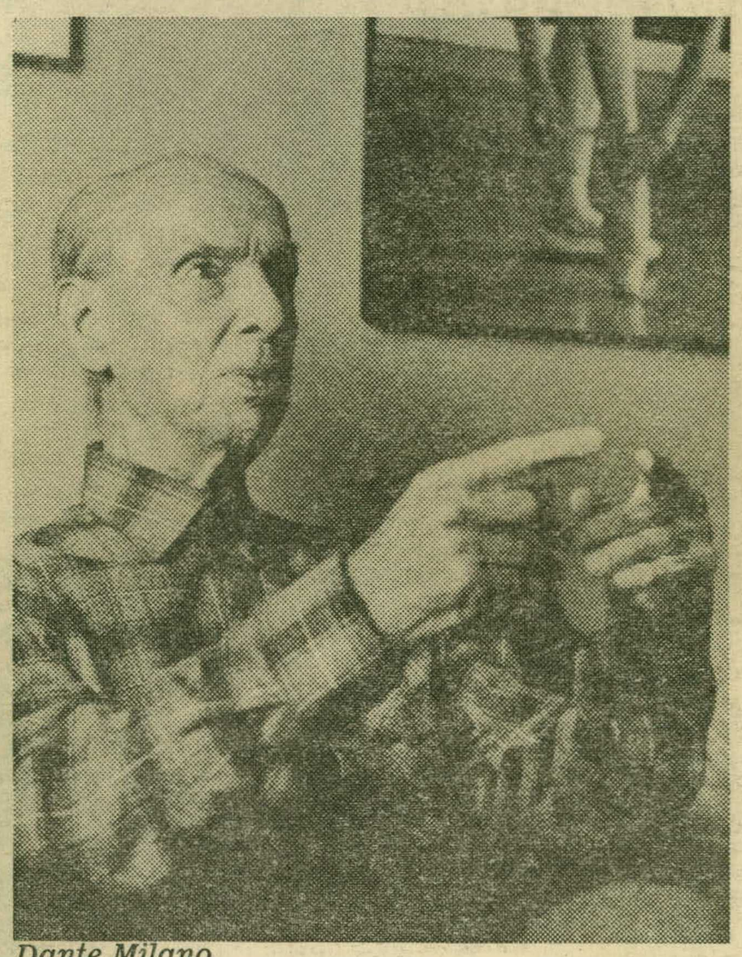
O misterioso segredo dos Abomináveis Homens das Neves no Himaláia; o curioso Monte Ararat e muito mais numa fantástica aventura pela China, Índia e Ásia Central! Um livro sensacional para os que se interessam pelos segredos da antigüidade.

Edições Siciliano

Infinito cinema

Crítico de cinema há 36 anos, Ely Azeredo será homenageado dia 24, no Cineclube Estação Botafogo, com uma sessão especial em que será exibido **O baile**, de Ettore Scola, e lançado o livro **Infinito cinema**, que acaba de ser publicado pela Unilivros. O volume reúne ensaios de Azeredo sobre a obra de 45 importantes cineastas.

Outros livros que terão lançamento na próxima semana: **História ilustrada dos filmes brasileiros**, de Salviano Cavalcanti de Paiva (Ed. Francisco Alves), na Cinemateca do MAM, dia 25; **O desafio da hiperinflação**, de Francisco Lopes (Ed. Campus), no mesmo dia, na Livraria Timbre; **Abalaram mundo a fora**, relatos de 13 autores sobre sua experiência como emigrantes (Ed. Marcelo), dia 26, na Casa do Minho; **As aranhas**, poemas de Clara Góes (Ed. Taurus-Timbre), também dia 26, na Livraria Taurus-Leblon.



Dante Milano

Dante traduz Baudelaire e Mallarmé

Embora se mantenha em discreto silêncio, Dante Milano, além de poeta de primeira linha, é também um bom tradutor de poesia. Os que acompanham as suas atividades nessa área guardam como raridade, por exemplo, o pequeno volume **Cinco cantos do Inferno**, de outro Dante, o florentino, publicado há muitos anos na coleção que Simeão Leal dirigia para o então Ministério da Educação e Cultura. Agora Dante Milano está de volta com **Poemas traduzidos de Baudelaire e Mallarmé**, coletânea primorosamente editada pela Boca da Noite, do Rio (120p, preço ainda não fixado).

A tiragem de 2.000 exemplares, feita em dezembro do ano passado, foi em parte destinada à empresa Beta Credimus, que distribuiu o livro como brinde de natal aos seus clientes. Os 1.400 restantes irão este mês para as livrarias. Ilustrado com fotos e desenhos de Antonio Carlos Rodrigues, e abrindo-se com uma introdução de Virgílio Costa, o volume reúne 38 poemas extraídos das **Flores do mal**, de Charles Baudelaire, e três de Stéphane Mallarmé — **Saudação, Herodíade** e **A sesta de um fauno.**



Camões em russo

Khudojestvennaia Literatura, um das editoras de Moscou, acaba de lançar, em volume ilustrado de 500 páginas, **Obras escolhidas de Camões**. Na verdade, trata-se da obra quase completa, pois inclui a tradução de **Os lusíadas** e de 168 sonetos de autoria comprovada ou atribuída ao poeta maior da língua portuguesa. Integrando a coleção Biblioteca da Renascença, o volume abre-se com uma introdução de 75 páginas sobre a presença e o lugar de Camões na época dos descobrimentos e da expansão da cultura ocidental. A tiragem, segundo a agência de notícias Nóvosti, foi de 200 mil exemplares.

GRD volta com FC

Gumercindo Rocha Dórea, que nos anos 60 e 70 lançou alguns bons autores brasileiros (Ruben Fonseca foi um deles) e publicou uns poucos mas excelentes títulos de ficção científica, está de volta com a sua Editora GRD. A **rentrée** será no fim deste mês, com o lançamento de um clássico do renascentismo, o tratado da **Cabala** de Pico della Mirandola, pensador italiano do século 15 (1463/1494). Em seguida, a GRD lançará **O cigano das estrelas**, um volume com três histórias de **science fiction**, de William Lindsey Grascham (a que dá título ao livro), Theodore Sturgeon e Alvis Burgys.

SBH
Hp112 P



rece meio fantasioso, mas acho que foi por aí. Você sabia que hoje há 12 milhões de refugiados no mundo? Não estamos fazendo quase nada para melhorar a vida dessa gente."

No tocante à política, Doris Lessing fez — como hoje reconhece — algumas péssimas escolhas. Ela escreveu em um texto de 1982: "Em 1967 eu proclamava a crença de que os países comunistas estavam se tornando mais democráticos. **Eu disse isso?** Sim, eu disse. Como podia eu acreditar em tal absurdo?"

Como resultado de tal desilusão, a ex-fervorosa comunista Doris Lessing avisa: "Hoje não apoio mais nenhum partido, nenhuma causa ou movimento." A única causa pela qual ela trabalhou em tempos recentes foi a saída dos soviéticos do Afeganistão. "Não ponho mais o meu nome nesses documentos que começam dizendo: **Nós, os abaixo assinados...**"

Doris também não gosta da maioria dos jornalistas que a procuram para entrevistá-la. Acha que suas perguntas são geralmente idiotas, ou muito centradas em assuntos pessoais, ou fora de propósito. "Uma pergunta que me deprime é: por que agora você é uma antifeminista? Mas há outras que me dão vontade de cair no choro."

Apesar da sua aparência de avó, é difícil imaginar Doris caindo no choro. Numa época em que mesmo os melhores escritores escolhem telas pequenas para pintar, ela parte para os painéis. Sua escrita é cheia de sutilezas — a heroína da série **Os filhos da violência** chama-se Quest (busca, indagação) —, em contraste com a contundência dos assuntos de que ela trata.

"Uma dos motivos por que escrevi **O carnê dourado** foi o fato de ter percebido que alguns dos livros que eu gostaria de ler sobre o século 19 nunca foram escritos", Doris revela. Antes ela havia observado que nenhum romance vitoriano "mostra o vigor e o conflito de idéias existentes numa boa biografia de William Morris." Mas o êxito obtido com **O carnê dourado** no seu esforço para pintar os desconsertos de sua época, não levou Doris a ficar parada; ela continua a sentir-se atraída por todos os problemas que permanecem negligenciados.

"Ao que parece, os EUA receberam nos últimos 10 anos uns dez milhões de imigrantes, mas quando estive lá encontrei índios tendo de abandonar seus lugares natais. Encontrei também amigos afegãos que dentro de cinco anos poderão ter a cidadania americana. Mas em contraste há o caso dos mexicanos, que todos conhecemos. É uma história surpreendente, não? É, mas não foi transformada em literatura. O que será para uma índia sulista, habituada à sua aldeia, ver-se de repente morando em um subúrbio de Nova Iorque? Isto dá uma história e tanto."

Poderá até ser uma história com final feliz, desde que e a humanidade não dê, enfim, aquele passo fatal há muito esperado. "Acho que estamos nos elevando um pouquinho", Doris admite, "mas, a que preço?"

Seu pai tinha uma visão mais descontraída. Quando não estava andando pelo **veld**, ficava horas a observar as estrelas. "Bem", ele costumava dizer nessas ocasiões, "se nós nos autodestruirmos, haverá, para nos substituir, muitíssimos outros lá no lugar de onde viemos."

Doris no Brasil

Quase toda a obra de Doris Lessing já está publicada no Brasil, na maior parte pela Record, que lançará ainda este ano a tradução de **The fifth child**. A Nova Fronteira publicou a série de ficcção científica **Canopus em Argos**

Títulos da Record:

- **A canção da relva**, trad. Tati de Moraes; 192p, NCz$ 5,60.
- **O verão antes da queda**, trad. Ana Lúcia Cardoso; 232p, NCz$ 6,70.
- **O carnê dourado**, trad. Sônia Coutinho e Ebréia C. Alves; 632p, NCz$ 15,90.
- **Um casamento sem amor**, trad. Tati de Moraes; 368p, NCz$ 9,70.
- **A cidade de quatro portas**, trad. Lya Luft; 520p, NCz$ 13,50.
- **Diário de uma boa vizinha**, trad. Aulyde Soares; 224p, NCz$ 6,40.
- **O eco distante da tormenta**, trad. Lya Luft; 264p, NCz$ 7,50.
- **Exilada em seu país**, trad. Lya Luft; 272p, NCz$ 7,50.
- **O quarto 19**, trad. Tati de Moraes; 400p, NCz$ 10,50.
- **Roteiro para um passeio no inferno**, trad. Luzia Machado; 224p, NCz$ 6,40.
- **Sabores do exílio**, trad. Sônia Coutinho; 304p, NCz$ 8,30.
- **Se os velhos pudessem**, trad. Aulyde Soares; 216p, NCz$ 7,50.
- **O sonho de Martha Quest**, trad. Laetitia Vasconcelos; 332p, NCz$ 8,90.
- **A tentação de Jack Orkney**, trad. Tati de Moraes; 336p, NCz$ 8,90.
- **A terra do velho chefe**, trad. Carlos E.M. da Costa; 360p, NCz$ 9,70.
- **A terrorista**, trad. Pinheiro de Lemos; 320p, NCz$ 8,60.

Títulos da Nova Fronteira:

- **Memórias de um sobrevivente**, trad. Clarice Lispector; 182p, NCz$ 4,80;
- **Agentes sentimentais**, 476p, NCz$ 4,80;
- **O Planeta 8: operação salvamento**, 304p, NCz$ 5,40;
- **Shikasta**, 452p, NCz$ 11,90;
- **Casamento entre as Zonas 3, 4 e 5**, 278p, NCz$ 6,80;
- **As experiências de Sírius**, 320p, NCz$ 8,00.

Os cinco últimos livros formam a série **Canopus em Argos** e são todos traduzidos por Aulyde Soares Rodrigues.

A inquieta formação do historiador

Foi observando de perto a tempestade política da Alemanha de Weimar que Sérgio Buarque de Holanda fermentou algumas das suas melhores idéias

■ **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda,** *coletânea organizada por Francisco de Assis Barbosa. Rocco, 302p, NCz$ 13,20.*

José Castello

Há livros que, mesmo com um estilo áspero, capítulos às vezes enfadonhos e uma organização nem sempre eficiente, tornam-se peças preciosas para a reconstituição do perfil intelectual de seu autor. Sua travessia exige do leitor um estado de espírito curioso, um rigor especial na distinção dos pontos em que deve se deter, sabendo saltar aquilo que é apenas circunstância a distrai-lo, ou informação inútil a aborrecê-lo. Leitores atentos, que evitam o comodismo e valorizam as dificuldades, saberão se deliciar com a coletânea **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**, organizada por Francisco de Assis Barbosa, que está sendo lançada pela Rocco. O livro reune 32 artigos publicados pelo jovem Sérgio na imprensa brasileira entre 1920 e 1935, que devem ser lidos como uma escavação arqueológica na alma daquele que viria a se tornar um dos maiores intelectuais brasileiros.

O material mais precioso se compõe de treze artigos enviados da Alemanha, Polônia e Estados bálticos para o **O Jornal**, entre junho de 1929 e dezembro de 1930. Em 29, Sérgio Buarque de Holanda era um jovem de 27 anos que vinha da experiência de um ano como professor de História Universal na simplória Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. De volta ao Rio, sobrevivia escrevendo artigos para o **O Jornal** e para a **Revista do Brasil.** Uma proposta do empresário Assis Chateaubriand dá uma guinada em sua vida: muda-se para Berlim como correspondente dos Diários Associados. A experiência convulsiona a mente do jovem jornalista. Inquieto e um tanto perplexo, ele é lançado no furacão da República de Weimar, presencia a ascensão de Hitler e a radicalização política que a serpente fascista traz na cauda, fundadora de ideologias que dividem o mundo entre amigos e inimigos. E só não conseguiu, por conta desta divisão, realizar seu sonho maior, que era chegar à União Soviética.

"Como vencer o prestígio de um modo de ser e de pensar que me são naturais?", pergunta-se Sérgio no primeiro artigo de viagem publicado no **O Jornal**? "Como suprimir o enorme legado de uma gente diversa e de um clima longínquo a fim de compreender um mundo quase inédito para mim?" Jogado no dia a dia convulsivo da República de Weimar, o jovem Sérgio traça um projeto de reportagens que respondem, na verdade, às suas ansiedades intelectuais. Primeiro, quer esquadrinhar Berlim, traçar o perfil de uma cidade que serve de síntese à Europa do pós-guerra. Em seguida, deseja aprofundar-se no debate do comunismo, partindo da nascente experiência soviética. O historiador Henri Guilbeaux, que acaba de romper com os sovietes, o chefe revolucionário indiano N. Chattopadhyaya, secretário-geral da Liga Antiimperialista, o Marechal Joseph Pulsudski, líder polonês, são algumas das personalidades de quem o jovem repórter procura extrair experiências e lições, na esperança de compor um retrato menos despedaçado da utopia comunista.

"A esse tempo Sérgio já estava mais que mergulhado numa experiência intelectual renovadora, nutrindo-se em profundidade da cultura alemã, que até então lhe era menos familiar", analisa Antonio Cândido em seu prefácio. "A capacidade de concentração mental só se comparava nele ao poder da penetração analítica e à amplitude de interesses. Por isso desde muito moço aproveitou ao máximo as leituras e acumulou um saber que espantava os amigos." O repórter Sérgio não permitia que nenhuma experiência, por mais desinteressante que fosse, se perdesse no rol das inutilidades. De cada entrevista, de cada viagem, procurava extrair o máximo, e também exigir o máximo. Uma viagem à Polônia, em setembro de 29, o põe frente a frente com a devastação da guerra, e o poder humano de derrotar a morte. "Nada mostra mais claramente a inconsciência da frase de John Maynard Keynes sobre a 'impossibilidade econômica' da Polônia do que a riqueza extraordinária de seu subsolo", polemiza num artigo publicado em janeiro de 30 no **O Jornal**. Arma-se, então, de argumentos técnicos, uma pregação interminável de números e estatísticas que tornam a leitura enfadonha, mas dão conta da austeridade de seu raciocínio.

Ele presenciou as primeiras vitórias de Hitler e ficou apavorado

De volta a Berlim, numa pausa para respirar, consegue encontrar-se com o romancista Thomas Mann, que vinha de receber o Nobel de Literatura de 29. O jovem repórter chega antes da hora combinada ao Hotel Adlon, temeroso de que o autor de **Morte em Veneza** não desse importância a um encontro marcado dez dias antes, e por um jornalista do remoto Brasil. A favor de Sérgio havia, é verdade, laços de família que atrelavam Mann ao nosso país. A mãe do romancista, Júlia Bruhn da Silva, falecida em 22, era brasileira, filha de um alemão que se fixara no Brasil e que se casara com uma crioula. Estas raízes favorecem o encontro. Mann, mesmo com a agenda cheia, o aguardava paciente. "Sim, creio que a essa origem latina e brasileira devo certa clareza de estilo e, para dizer como os críticos, um **temperamento pouco germânico**", reconhece o escritor. "Li apaixonadamente os clássicos, mas estou certo de que a influência mais decisiva sobre minha obra resulta do sangue brasileiro que herdei de minha mãe." O peixe precioso está fisgado.

Durante semanas a fio, Sérgio dedicava-se a acompanhar as repercussões em Weimar da nova política cafeeira do Brasil. São reportagens de leitura cansativa, onde Sérgio se coloca de modo absolutamente impessoal. A temperatura só volta a elevar-se quando ele se dedica a investigar a própria Alemanha, tomada então pela febre do nacional-socialismo. Hitler, e também Mussolini, já são figuras que hipnotizam os europeus com seus ensaios totalitários. "Ele presenciou as primeiras vitórias de Hitler e ficou apavorado", recorda Francisco de Assis Barbosa. O jovem que desembarcou em Berlim levava consigo tendências esquerdistas, embora limitadas pelo atrito de seus encontro com a ortodoxia comunista. Antes de viajar, pensou em se filiar ao Partido Comunista, mas saiu muito mal impressionado de uma primeira entrevista com Otávio Bradão, que lhe pareceu um homem de idéias muito rígidas, e desistiu. O horror que o nacional-socialismo lhe inspirou não foi, portanto, consequência de uma rigidez ideológica, mas efeito do choque de um espírito aberto com a mais apavorante manifestação do totalitarismo.

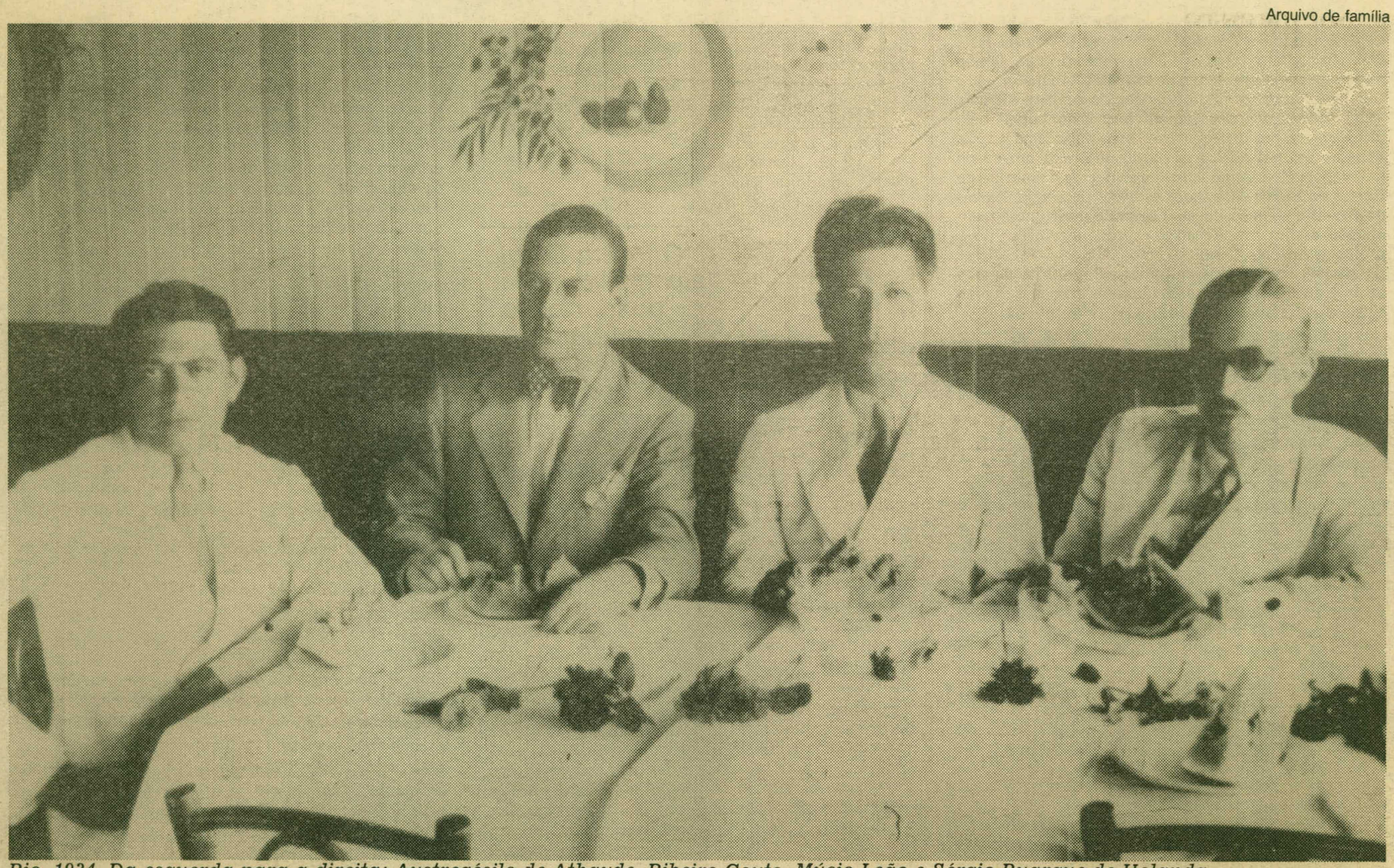
Sua viagem à União Soviética tornou-se impossível, em parte, por causa das lutas internas do comunismo. Em Berlim, na busca de um visto de entrada, tentou obter ajuda do crítico marxista Mário Pedrosa, simpatizante do trotskismo, mas a influência deste junto aos soviéticos já estava comprometida pelas divergências entre Leon Trotsky e Joseph Stálin, radicalizadas com a subida de Stálin ao poder em 24. O jovem Sérgio teve então que substituir o desejo de conhecer o nascimento da aventura soviética pela experiência, que lhe parecia bem menos animadora, da ascensão nazista. A aliviá-lo, apenas, o prazer de encontrar uma Alemanha que, para o bem ou para o mal, se reerguera magnificamente da guerra. "O povo alemão, saído da guerra, cercado ainda hoje de inimigos impiedosos e despeitados, exibe um assombroso poder de adaptação às condições sociais", escreveu no **O Jornal** em agosto de 29. "Aberto a todas as influências fecundas, ele as assimila sem se deixar dominar por elas, criando assim um novo tipo de sociedade admiravelmente equipada." Apesar da subida nazista, Sérgio ainda mantém o otimismo. O que mais o interessa na experiência alemã é a maleabilidade, o poder de conciliar opostos, a gentileza. "Não encontrei aqui, por enquanto, nada que me pudesse lembrar aquela disciplina militarista que se tornara, antes da guerra, um elemento indefectível da fisionomia teutônica", escreve. "Tudo se faz sem imposições excessiva e sem normas incoercíveis, antes com certo abandono e com liberdade."

Sérgio retorna ao Brasil em 13 de janeiro de 1931, trazido pela Revolução de 1930. A distância parece ter sido providencial, pois serviu de fermento para a elaboração de idéias que, em 1936, desaguariam em seu mais famoso livro, **Raízes do Brasil**, editado pela José Olympio. Entre a volta de Berlim e a publicação deste livro — que forma com **Casa grande & senzala**, de Gilberto Freyre, publicado em 1933, e com **Formação do Brasil contemporâneo**, de Caio Prado Jr., de 1942, o tripé fundador para uma explicação do Brasil — Sérgio viveu um período especialmente rico de sua vida. Até a viagem, suas atenções voltavam-se para a literatura, a estética e a crítica de arte. Cinco anos antes de viajar, com Prudente de Moraes, neto, fundara no Rio a revista **Estética**, que durou apenas três números, mas agitou as idéias da cidade. Sérgio viajava no furacão modernista que assolava o país. Nascido em São Paulo em 1902, mudara-se para o Rio em 21. Em 22, não participou diretamente da Semana de Arte Moderna, mas manteve-se sintonizado com os modernistas, tornando-se o representante no Rio da revista modernista **Klaxon**.

Não era exatamente um intelectual alinhado com 22, mas um teórico que namorava o modernismo, como de resto todas as idéias que prometiam renovação. Na imprensa, interferiu nos debates detonados pelo modernistas no Rio. Na revista **Fon-Fon**, publicou ensaios sobre os discípulos do teórico futurista Filippo Marinetti, mas na polêmica entre Marinetti e o poeta Blaise Cendrar tomou sempre o partido de Cendrars. Este, lembra Franscisco de Assis Barbosa, o alertara: "Cuidado com Marinetti. Ele se toma terrivelmente a sério, e há gente que ainda se presta a servir-lhe de platéia." O ecletismo de Sérgio não excluía uma preocupação constante em clarear posições e pedir definição de seus entrevistados. Este estilo tomou corpo no projeto da **Estética**, uma revista avessa ao sectarismo e curiosa. No ano e meio em que passou na Europa, porém, Sérgio leu Franz Kafka, Rainer-Maria Rilke,

SBH
Hp112 P

Arquivo de família



Rio, 1934. Da esquerda para a direita: Austregésilo de Athayde, Ribeiro Couto, Múcio Leão e Sérgio Buarque de Holanda



"*Hitler percebeu, com senso agudo das realidades, que algumas centenas de* camisas pardas *não lhe dariam uma base suficiente para se transformar no* Duce *alemão.*

Tudo, neste país, depende principalmente, de uma base ideológica, de uma Weltanschauung. *Ele não era, certamente, um teórico, mas não era difícil encontrar um pensador de acordo com os princípios que se propunha conduzir à vitória. E assim como os marxistas tinham um Marx, os nacional-socialistas adotariam Alfred Rosenberg, com o seu livro* Das dritte Reich (O Terceiro Império). *Além disso, obras de alguns pensadores políticos ou não, de brochuras populares sobre o anti-semitismo, a Igreja Católica e a Livre Maçonaria completam a biblioteca indispensável de um adepto de Hitler.*

Pareceu-lhe necessário acrescentar a esse esquema teórico uma rede considerável de jornais e de periódicos."

(Berlim, fevereiro, em *O Jornal,* 12/04/1930.

"*Isso nos explica muito sobre a hesitação do Sr. Tristão de Athayde, as oposições que ele se empenha em vencer, a sua fraqueza e também — por que não? — a sua vaidade. Ele compreendeu bem claramente que a solução final de todas essas antinomias só nascerá de nossa fidelidade a um plano de existência superior e transcendental. Em outras palavras: que só poderá ser uma solução religiosa. (...) É um processo que não deixa de evocar a fórmula que presidiu à elaboração das grandes* Summas *medievais. Apenas com esta diferença que nelas o que existia era uma fé em busca de suas justificações, de suas razões —* fides quaerens intellectus— *quando, no caso presente, será antes uma inteligência que quer se apoiar numa base emocional. O Sr. Tristão de Athayde limita-se a inverter o problema que se ofereceu ao doutor Angélico.*"

(Tristão de Athayde, em *JORNAL DO BRASIL,* 29/08/1928)



Goethe e em especial o sociólogo Max Weber. A história da arte passou a fasciná-lo mais que a própria arte. Quando voltou ao Brasil, em dezembro de 1930, já não se definia como um crítico de arte, mas um historiador. Um historiador formado no rigor do espírito alemão. Estas transformações tomam forma no papel, pela primeira vez, em 1935 quando Sérgio publica na revista **Espelho**, sob o título **Corpo e alma do Brasil**, um ensaio que depois ele mesmo considerou depois o embrião de **Raízes do Brasil**. "De todos os livros de Sérgio, **Raízes do Brasil** é o único do qual se pode dizer que é meio **alemão**, contrastando com os estudos seguintes", diz o professor Antonio Cândido.

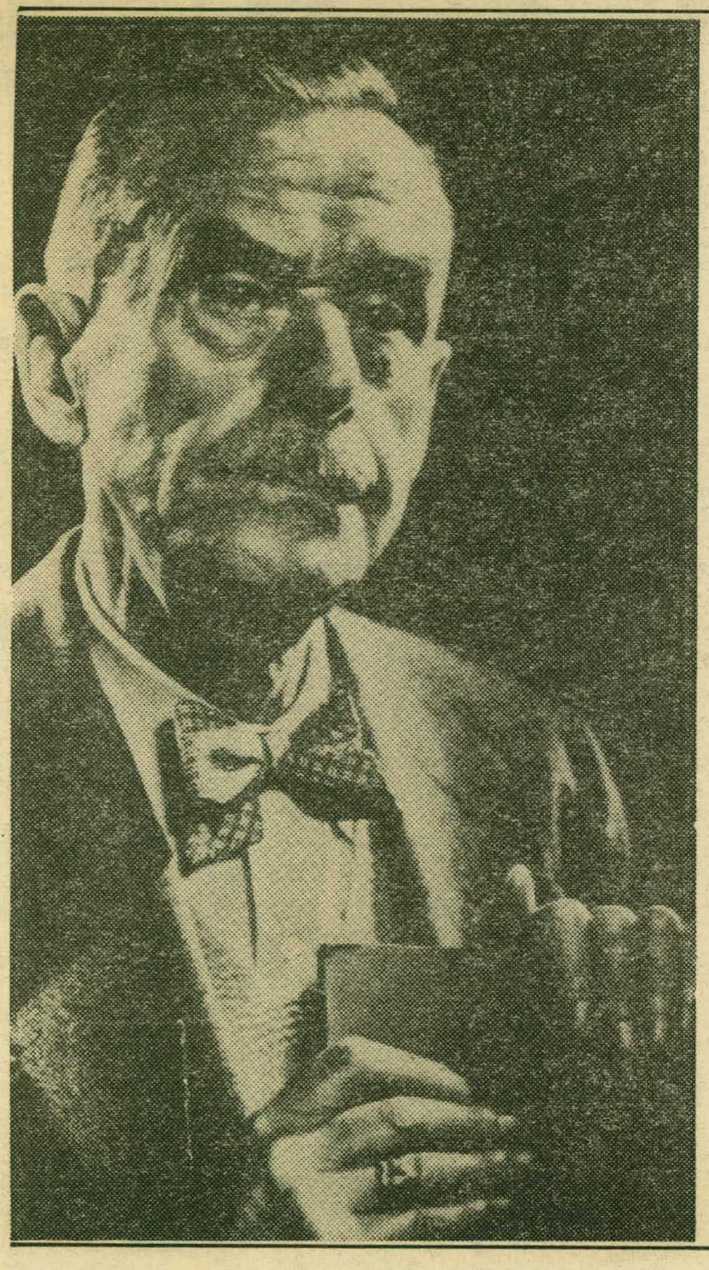
Este jovem que se deixa tomar pelo espírito alemão estava, ao que parece, aflito demais com a agitação cultural detonada por 22. Aflito de expectativas. "Sérgio não foi exatamente um autor modernista", lembra o historiador e acadêmico Francisco de Assis Barbosa, que é desde 1977 diretor do Centro de Estudos Históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio. "Suas primeiras experiências literárias estavam mais próximas, por exemplo, do surrealismo." Contos como **IF3**, **O automóvel adormecido no bosque** e **Ypissilon, o magnífico**, que Sérgio publicou na revista **Nova** de São Paulo e nunca mais republicou, parecem estar, apesar de tudo, mais próximos das tentações surrealistas e dos ecos do futurismo de Marinetti do que da estética de Mário e Oswald de Andrade. A ansiedade intelectual de Sérgio, que o fazia procurar a renovação sem prender-se a seitas e escolas, provocava admiração. "Castro Rebelo levou a sério aquele rapaz extravagante que se propunha a **descoelhetinizar** a literatura", lembra Assis Barbosa. A herança de Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) simbolizava tudo aquilo que devia ser destruído para abrir terreno ao novo. Mas o jovem Sérgio não era movido, apenas, por veleidades de vanguarda. Duas entrevistas feitas com Marinetti em 1926, para o **O Jornal**, já denotam uma ênfase nas questões éticas e políticas em detrimento dos impasses da nova estética. No primeiro encontro, em São Paulo, o jovem Sérgio questiona Marinetti a respeito das relações do futurismo com o fascismo, e ouve como resposta que "o fascismo não é reacionário." Sérgio, é evidente, já tem um pé atrás em relação à aventura fascista, mas ainda assim sabe manter o ouvido aguçado para os argumentos de seus teóricos. "Mussolini não criou o fascismo. Interpretou-o", diz-lhe Marinetti. " Não é um reacionário. Não estaciona. Evolui e transforma-se no sentido do mais perfeito." Na segunda, no Rio, Sérgio está mais interessado em ouvir de Marinetti, recém-chegado de Buenos Aires, sua opinião sobre as diferenças entre argentinos e brasileiros, sobre sulamericanos e europeus. Não aceita os argumentos de Marinetti, mas quer ouvi-lo. Ali já está, em esboço, o intelectual preocupado em não envelhecer precocemente preso ao roldão dos preconceitos e decidido a delimitar um retrato do Brasil.

O jovem Sérgio mantinha-se à distância de qualquer espírito de seita

Alto, louro e magro, jeito de alemão, o jovem Sérgio sofreu com o apelido maldoso de Woodrow Wilson, dado por Castro Rebelo, semelhança irritante que, lembra Assis Barbosa, o fez trocar os óculos pelo monóculo. A curiosidade intelectual de Sérgio, porém, desmentia esta imagem rigorosa que lhe era atribuída pelos inimigos, ou pelos amigos mais mordazes. É um jornalista ansioso e insatisfeito que obriga o dramaturgo Luigi Pirandello, muito a contragosto, a fazer reflexões filosóficas sobre o teatro. "'Não sou um filósofo, nem quero ser", defendeu-se Pirandello. "Se minha obra exprime, como querem, uma concepção filosófica, esa concepção independe inteiramente de qualquer intenção consciente." E que leva o poeta Blaise Cendrars a confessar sua resignação pela conversão dos surrealistas de Breton ao "credo comunista", mas a exibir muito menos paciência com escritores como Max Jacob e Jean Cocteau que se converteram, ao contrário, ao catolicismo. "São sobretudo homens fatigados", definiu Cendrars.

Já se esboçava, aí, a busca de uma definição política, que só amadureceria por completo muitos anos depois com o golpe militar de 1964 e se coroaria em 1980, quando Sérgio Buarque de Hollanda, dois anos antes de morrer, tornou-se membro fundador do Partido dos Trabalhadores. Um percurso longo, e por vezes tortuoso. Mas a dúvida — e a ânsia de uma posição — já estavam latentes em 28 quando Sérgio, com uma retórica audaciosa, obrigou o então esquerdista Alceu de Amoroso Lima a confessar suas ligações intelectuais, que na época pareciam imcompatíveis, com a religião. O jovem Sérgio preferia manter-se, sempre, à distância de qualquer espírito de seita e na posição de livre-atirador. Mas era duro e meticuloso quando elegia um inimigo intelectual. Alceu teve que se ver com ele. Em agosto de 28, em um artigo publicado no **JORNAL DO BRASIL**, ele mostra que Tristão, mesmo sem admiti-lo, já era um intelectual convertido. Sua argumentação é severa: "Não se pode mais hoje, como no tempo de Santo Agostinho, ser ao mesmo tempo e simultaneamente um cidadão do céu e da terra", escreve. O dedo de Sérgio empurra Alceu para uma resposta: no ensaio **Adeus à disponibilidade**, publicado pouco depois no **O Jornal**, este admite sua conversão ao catolicismo. O embate intelectual com Alceu mostra um jovem exigente, avesso à contemporização e ao engodo.

Depois de maduro, porém, Sérgio sempre preferiu esconder seus escritos de juventude, por entender que, por culpa dos fervores da idade, estes ainda não eram inteiramente seus. "Ele julgava que, até **Raízes do Brasil**, ainda não era um escritor", recorda Francisco de Assis Barbosa. "Era apenas um jovem procurando um caminho, e por isso nunca se interessou em publicar estas reportagens." Este jovem perplexo, que tinha um pé na arte e outro na política, porém, já anunciava o grande pensador que o Brasil viria a ter. Basta ler uma obra-prima como **Visão do paraíso**, editada em 1959 pela José Olympio, e hoje no acervo da Companhia Editora Nacional. Um livro que mostra um cientista arguto, que no entanto não perde a elegância de estilo, nem o trato da imaginação. Um autor exigente, mas emocionado, como foi o jovem Sérgio.



*"Hoje, 18 de dezembro, às dez e meia horas, em frente ao Hotel Adlon, Unter den Linden recebe indiferentemente os primeiros flocos de neve deste inverno. Certo pressentimento de que o romancista d'*Os Buddenbrook *teria esquecido aquela entrevista, marcada há perto de dez dias, na véspera de sua partida para Estocolmo e no meio de um mundo de estudantes que o aclamavam delirantemente à porta da Humboldthaus, aconselhou-me a procurá-lo antes da hora combinada. Era fácil imaginar que o novo laureado do Prêmio Nobel não tivesse feito grande caso daquele vago compromisso estabelecido às pressas e num momento pouco confortável; seria quase um milagre se eu conseguisse atingir com êxito meu objetivo. Confesso que não era animadora a perspectiva de encontrar-me frente a frente com aquela fisionomia que parece apenas o pretexto para um nariz excessivo e que deve se conformar melhor à ironia do que á afabilidade."*

(Thomas Mann e o Brasil, em O Jornal, 16/02/1930)

"Mussolini é um homem frio, calculista, consciente de sua missão, que conhece maravilhosamente o seu povo, ama a sua pátria e quer realizar a todo o custo o imenso programa fascista.

Ele não criou o fascismo, interpretou-o. Não é um reacionário. Não estaciona. Evolui e transforma-se no sentido do mais perfeito. (...) Nada mais errado do que considerá-lo um déspota sanguinário. É apenas um realizador, que afasta os empecilhos e domina os seus inimigos, que são também os adversários da grandeza italiana. É uma figura enérgica e poderosa, que resume na virilidade dos traços todas as aspirações da raça a que pertencemos."

(Declaração do teórico futurista Filippo Marinetti ao repórter Sérgio Buarque de Hollanda, em O Jornal, *13/5/1926).*



SBH
Hp112 P

Momento alto de um diálogo

Pedro S. Malan

Cada geração reinterpreta o passado à luz daquilo que percebe como questões fundamentais de seu tempo. O tempo presente, contudo, é apenas um momento entre um irrevogável passado e um futuro que tem por ofício ser incerto. A história é, portanto, na feliz expressão de E. H. Carr, um infindável diálogo entre o passado e o futuro.

Este diálogo tem seus momentos altos em épocas de crise. Quanto mais profunda a crise, mais as perguntas relevantes sobre o futuro dependem do grau de compreensão que tem uma sociedade de suas raízes e do processo de continuidade e mudanças através do qual chegou à situação atual. Em sociedades nas quais é precária a memória coletiva e a consciência social do passado, raramente existe capacidade de vislumbrar o futuro como projeto. Onde é pobre o diálogo entre passado e futuro, é pobre a história.

Raízes do Brasil representa um dos pontos altos deste diálogo, assim como o foram, também nos anos 30, as obras de Gilberto Freyre (**Casa grande & senzala**), Caio Prado Jr. (**Formação do Brasil contemporâneo**) e nos anos 50 os trabalhos de Celso Furtado (**Formação econômica do Brasil**) e de Raymondo Faoro (**Os donos do poder**). O prefácio de Antonio Cândido situou com maestria, vinte e poucos anos atrás, o significado histórico de **Raízes do Brasil**, obra clássica que retém, passado mais de meio século, surpreendente relevância para a compreensão do que fomos, do que somos e do que poderíamos, talvez, vir a ser como sociedade.

A força extraordinária de **Raízes do Brasil** — como do resto da obra e da atividade intelectual de Sérgio Buarque de Hollanda — provém de uma série de combinações raras entre nós: (a) invejável estilo; (b) uma capacidade de articular história social, psicologia e infra-estrutura econômica; (c) um método baseado em um jogo de oposições, contrastes e dicotomias; e (d) uma crítica implacável àqueles que se debruçam sobre o passado apenas para relembrar, lamentando, a sombra daquilo que pensavam que era ou poderia ter sido a sua sociedade. Como não a conseguem vislumbar no futuro, procuram situá-la em um passado idealizado ou apenas no mundo das idéias. "Não existiria — pergunta Sérgio Buarque de Hollanda — na base desta confiança no poder milagroso das idéias um secreto horror à nossa realidade?"

A crítica reiterada de Sérgio Buarque de Holanda ao "invencível desencanto (de nossas elites) em face das nossas condições reais" e à sua capacidade de criar asas para não ver o espetáculo que o país lhes oferecia, o leva a atribuir a estas "formas de evasão da realidade" o fato de a democracia no Brasil ter sido "um lamentável mal-entendido". Da mesma forma, critica a presunção, tão generalizada entre a intelectualidade de sua época, de que "o verdadeiro talento há de ser espontâneo, como a verdadeira nobreza, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber mas assemelham-se, por sua monótona reiteração, aos ofícios vis que degradam o homem."

Aqui surge aquilo que Antonio Candido denominou de tipologia básica do livro, que distingue como tipos polares a ética do trabalho e a ética da aventura. As nossas dificuldades em "organizar a nossa desordem" teriam muito a ver com a "repulsa pelo trabalho regular e com a ânsia de prosperidade sem custo, de títulos honoríficos, de posições e riqueza fáceis, tão notoriamente característica da gente de nossa terra". O culto da personalidade que resulta desta postura teria como contrapartida a fraqueza de nossas formas de organização, e a dificuldade de reconciliar o país real com o país idealizado, seja por parte das nossas elites, seja por aqueles nos quais a motivação para mudar o mundo ultrapassa o entendimento das restrições dadas pelo passado.

O legado intelectual de Sérgio Buarque de Holanda não reside apenas em sua influente investigação crítica sobre as nossas raízes, mas em sua confiança na possibilidade de sínteses entre as dicotomias básicas que tão bem estudou. É este método que lhe permite, ao mesmo tempo que afirma que a democracia entre nós foi no passado um lamentável mal-entendido, afirmar a possibilidade de sua consolidação no Brasil, décadas atrás, as razões que, apesar de tudo, a ela nos poderiam levar.

Por estes e outros motivos, **Raízes do Brasil** e a **História da civilização brasileira**, que concebeu e editou, constituem, como os demais escritos de Sérgio Buarque de Holanda, contribuições para a possibilidade de encontro do país consigo mesmo, e manifestações claras de que o Brasil **não é** um deserto de idéias relevantes, capazes de lançar luz tanto sobre o nosso passado quanto sobre o nosso futuro.

Pedro S. Malan é economista e colaborou com um ensaio para a *História da civilização brasileira*, volume XI.



"Já houve quem dissesse que viver é viver em repouso. Não me recordo agora quem foi o inventor dessa fórmula, mas aposto como não era um homem de bom apetite. Blaise Cendrars, realizando a atitude contrária, mostra que se pode viver em mobilidade, sem que a vida, por isso, deixe de ganhar uma preciosa consistência. Fugir ao sossego é para muitos expor-se a um perigo assíduo. Mas Cendrars, que perdeu um braço na guerra, não saberia recuar diante de consideração tão inocente.

Assim, quando perguntei-lhe qual o motivo que o trazia desta vez ao Brasil — é a terceira viagem que ele empreende ao nosso país — eu deveria saber que a minha questão era perfeitamente ociosa. Não se pergunta a um homem que não gosta de viver em repouso por que razão ele não vive em repouso."

(Conversando com Blaise Cendrars, em O Jornal, 23/09/1927)

"Todas as oposições, seja de caráter religioso, moral, econômico, ou popular, transformam-se em oposições políticas, desde que se exacerbam suficientemente para agruparem os homens em amigos e inimigos. Até mesmo uma classe, no sentido marxista da palavra, deixa de ser um fato puramente econômico para se tornar um elemento político, no momento em que tenha chegado a esse ponto decisivo, isto é, quando a luta de classes, ou seja, a guerra civil, transformou o adversário de classe em inimigo real. (...) Eis aí, em breve resumo, o essencial da análise a que o sábio professor de Bonn (Carl Schimitt) submeteu o fenômeno político. Sua fórmula da distinção amigo-inimigo como fundamental na política tornou-se justamente famosa — ela se integra, ao menos na Alemanha, em todas as teorias que apregoam a máxima sujeição do indivíduo ao Estado."

(O Estado totalitário, em Folha da Manhã, *18/06/1935)*



A gramática dos caprichos

■ **O império do efêmero** — a moda e seu destino nas sociedades modernas, *de Gilles Lipovetsky. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, 294 p., NCz$ 12,50*

Benício Medeiros

"Abaixo o Ritz, viva a rua!" Quem foi que disse isso? Bakunín? Cohn-Bendit? Não. A frase é do **revolucionário** Yves Saint-Laurent, que em 1968 inventou o estilo safári, roupa de quem vai à luta, justamente quando os estudantes parisienses armavam barricadas contra os **gendarmes** nas ruas. Outro revolucionário, chamado Courrèges, anos antes havia liberado as mulheres dos saltos altos, e a ele se atribui também o aprimoramento da minissaia — este escândalo lançado em 1963 na Inglaterra por outra revolucionária: Mary Quant. Courrèges nada mais fez do que seguir a tradição libertária do famoso costureiro Paul Poiret, que no início do século falava como um verdadeiro profeta. "Foi em nome da liberdade que preconizei a queda do espartilho e a adoção do sutiã", declarou.

Para quem ainda acredita no mandamento de Lênin, segundo o qual é burguês usar mais do que três cuecas, a heroificação dos personagens acima citados — além de muitos outros, como Cacharel, Balenciaga, Ted Lapidus, Kenzo, Christian Dior etc. —, comumente identificados com o comércio do luxo, a fatuidade e os caprichos das classes dominantes, pode ser difícil de engolir. Mas a proposta de Gilles Lipovetsky é exatamente esta. Segundo ele, ao invés de meros protagonistas de guerras de alfinetadas, os costureiros antes devem ser vistos como agentes legítimos da ruptura e da inovação, bem como da disseminação de valores democráticos pelo mundo ocidental.

Parece mentira? A intenção do autor, proclamada com toda a veemência na introdução do livro, é valorizar o que os meios pensantes jamais valorizaram; imprimir o que chama de "dignidade conceitual" a um tema — a moda — que sempre mereceu dos teóricos da esquerda e da direita (ele inclui Adorno e Horkheimer entre os pecadores ou omissos) o escárnio, a difamação e a piedade.

O trabalho de Lipovetsky pretende ser portanto uma reflexão séria sobre a moda, que segundo ele ao longo dos séculos já pertenceu à aristocracia, depois à burguesia endinheirada, e hoje em dia é do povo, como o céu é do condor. A última etapa desta lenta porém determinante revolução deu-se por volta de 1949, quando o costureiro J.C. Weill cunhou a expressão **prêt-à-porter**. A partir daí, com o desenvolvimento das confecções, a moda ficou cada vez mais ao alcance das massas. Lipovetsky não nega que existam algumas palavras — futilidade, frivolidade, superficialidade — que não podem ser dissociadas do seu tema. Mas não devem ser obstáculos para não se examinar o fenômeno, que, de fato, só pela sua contemporaneidade já se impõe.

As vaidades do corpo servem de espelho aos movimentos da História



1971: O estilista Paco Rabane tenta, através da moda, fazer uma prospecção do ano 2000

Pierres Swarovski

O que o autor chama de "strass da sedução" da moda contagia a todos, mesmo os que fogem dela; determina comportamentos, atitudes e, via **mass media**, extrapola a simples questão da indumentária: tudo vira moda. De fato, mesmo quem nunca assistiu a uma novela da TV Globo, por exemplo, não deixou de sofrer com as conseqüências do assassinato de Odete Roitman. Os americanos, por seu lado, transformaram aquele que há duas décadas seria seu arquiinimigo numa simpática personagem, a quem chamam carinhosamente de **Gorby** pelas ruas, ao mesmo tempo em que Raísa Gorbachev desfila modelitos tão ocidentalizados que não se sabe o que deles pensaria a austera madame Krupskaya.

O que estará acontecendo? Isso é bom ou é ruim? É o que Lipovetsky tenta responder no seu livro, partindo desde cedo de uma perspectiva otimista: "No filme acelerado da história moderna", diz ele, "começa-se a verificar que, dentre todos os roteiros, o da Moda é o menos pior". Como se vê, trata-se da defesa da moda. É possível que o leitor considere a sua visão **científica** demais e sobretudo — adequadamente a estes nossos tempos narcísicos — um tanto ou quanto egocêntrica, no sentido de que seu ponto-de-vista é sempre o de um **schollar** do primeiro mundo. Mas não deixa de ser uma visão instigante, por contrariar quase tudo o que outros intelectuais disseram sobre o assunto.

A idéia da moda como instrumento de poder das elites e de diferenciação de classes tem sido vendida como uma verdade absoluta. Este conceito, na opinião do autor, pertence ao passado. A derrocada do discurso ideológico na década de 70 — já apelidada uma vez de **Década do Eu** — deu lugar a "sociedades democráticas", na expressão do autor, que se refere obviamente à Europa, marcadas por aspirações que seriam consideradas anatemáticas nos anos 60.

A busca da felicidade e do conforto pessoais; o culto da saúde e da aparência; o exercício desculpabilizado das vaidades, que nunca deixaram de ser peculiares à natureza humana, vão caracterizar estes novos tempos hedonistas. A moda, agora, seria muito mais meio de afirmação da individualidade, busca de prazer, celebração de vida, que qualquer outra coisa. O mundo das paixões ideológicas dos anos 60 deu lugar a um mundo feito de "paixonites". As pessoas querem mais é gozar a sua fugaz passagem pelo planeta Terra. Há mais respeito pela hierarquização e pela ordem capitalista. A militância pelas grandes causas se faz superficialmente. Se antes um estudante queria ser herói, hoje ele quer ser **yuppie**. Em vez de carregar faixa numa passeata, prefere comprar uma **T-shirt** de boa **griffe** com seu recado estampado no peito.